

TOMO LIX
N.º 350

Seleções do Reader's Digest

MARÇO
de 1971

Condensações de artigos de interesse permanente

Copyright © 1971 da Editôra Seleções do Reader's Digest S. A.



Quando a mãe lhe pediu para ser o "protetor especial" de sua irmãzinha, ninguém poderia imaginar a importância que teria esse papel um dia

O Legado de Ned

FLOYD MILLER

EDWARD E DEDI TAYLOR tinham seis filhos, três meninos e três meninas. Quando Dedi ficou grávida outra vez, Ned, de nove anos, mostrou-se extremamente interessado e fez toda espécie de planos para depois da chegada de "meu irmãozinho".

Em agosto de 1964 Jacqui nasceu. "Outra menina!", explodiu Ned. "Para que servem meninas?"

Quando Edward Taylor contou a Dedi no hospital o desapontamento de Ned, ela escreveu-lhe um bilhete: "Querido Ned, sei que você está desapontado, mas não somos nós que decidimos se a criança vai ser menina ou menino. Isso está nas mãos de Deus. Pense na nossa sorte de termos um bebê normal e sadio. E sendo você o mais velho dos garotos, talvez seja a hora de ter uma missão

especial. Quer encarregar-se de Jacqui, ser o protetor especial dela? Assim, quando ela fôr ao jardim da infância, nenhum valentão vai querer bulir com ela, pois basta ela ameaçar contar a você. Vamos conversar sôbre isso quando eu estiver com você.”

Quando Jacqui chegou em casa, todos os irmãos e irmãs estavam ansiosos para pegá-la no colo, dar-lhe de comer, falar com ela—todos menos Ned, que ficou olhando de longe.

Ned estava no quinto ano primário e começava a levar uma vida mais ativa: entregava jornais numa zona da cidade, acampava com os escoteiros, cantava no cômico, estudava piano. Praticava esportes, fazia os deveres de casa, montava modelôs de aviões. Pouco tempo sobrava para meninas, sobretudo uma bebêzinha que não sabia nada.

Mas a curiosidade de Ned começou a levá-lo ao quarto do bebê. “Por que ela chora?”, perguntava. Pronunciou-se a acalentá-la.

Quando Jacqui estava aprendendo a andar, era em direção a Ned, seu irmão grande, que ela dirigia seus passos incertos. Era para êle que ela arrastava seu carrinho quando queria sair de casa. Era no colo dêle que ela trepava para batucar no piano. Encantado, Ned achava graça e sentia-se cada vez mais responsável por ela. Em 1967, quando Jacqui tinha quase três anos, Ned adoeceu.

Para êle o ano começara radioso. Seu mais ardente desejo era educar profissionalmente a voz, mas a famí-

lia não tinha recursos para isso. Em março êle ganhou em concurso uma bôlsa para o curso de verão da Columbus Boychoir School. Ao fim do curso foi eleito “o melhor menino do cômico” e premiado com uma bôlsa de estudo de 1.500 dólares para o sétimo ano da escola. Êle ia entrar para o famoso cômico “Meninos Cantores da América”, e participaria de excursões pelo mundo.

Pouco antes de sua partida para a escola a família organizou um churrasco no quintal. Foram horas de felicidade e de tristeza, de orgulho mesclado com a consciência da separação iminente.

Ned estava cuidando do fogo quando Dedi notou que o branco dos olhos dêle tinha estrias amarelas. Tôda a família ajuntou-se ao redor dêle, alguém providenciou um espelho para Ned também ver. Êle repuxou as pálpebras e disse: “Ei! Estou virando chinês!” Os irmãos e irmãs riram.

Um exame de sangue revelou hepatite, e o médico mandou Ned para a cama, isolado do resto da família. Mas ao mesmo tempo assegurou aos pais que graças à natural boa saúde e vitalidade do garôto, êle estaria recuperado ainda em tempo de ir à escola.

Um dos Taylor ficou encantado com a situação—Jacqui. Assim ela e o irmão maior iam ficar juntos o tempo todo. É verdade que não podia entrar no quarto dêle, mas de longe êles podiam conversar e rir. A pele de Ned foi assumindo uma tonalidade amarelada e êle tomou o nome de

Foo Yong, e de vez em quando êle sacudia a porta e bradava para Jacqui, que ria a valer: "Abri as portas do templo!"

Quando chegou o dia do terceiro aniversário de Jacqui ela exigiu que a festa fôsse feita no corredor em frente ao quarto dêle.

Ned começou a parecer "grávido", o que deu origem a nova hilaridade entre os irmãos. Mas o médico não achou engraçada a "gravidez"; êle disse que era ascite, acumulação de líquido no abdome, e que Ned precisava ser hospitalizado.

Jacqui ficou desolada. As "portas do templo" se abriram e Foo Yong foi embora. Apesar da presença de todos os outros irmãos e irmãs, do pai e da mãe, a casa estava vazia.

No CENTRO Médico Columbia-Presbiterian, num arranha-céu de Nova York, Ned não era mais um potentado oriental cercado de súditos afetuosos; de um momento para outro ficou sendo um menino muito pequenino engolfado numa azáfama impessoal entre instrumentos de frio brilho. Depois de vários dias de exames os médicos só podiam dizer com certeza que o rapaz estava gravemente doente de uma forma de hepatite, o fígado mal exercendo ainda sua função

—Quanto tempo vou ficar aqui, mãe?—perguntou Ned.

—Só até ficar bom—respondeu a mãe.

—Quando é que Jacqui vai para o jardim da infância?—perguntou êle, depois de pensar um momento.

—Ainda demora uns dois anos.

—Acho uma boa idéia eu ir com ela no primeiro dia—disse.

—Muito boa idéia—concordou a mãe.

Ned foi colocado na sala de tratamento intensivo, onde estava sempre ligado a alguma coisa—tubos para alimentá-lo, para



transusão de sangue, para drenar fluido. Os dias viraram semanas, as semanas meses, enquanto êle ia passando por uma crise depois da outra. Mas através de tudo aquilo êle não perdia o bom humor, mostrando vivo interêsse clínico por tudo quanto acontecia, fazendo intermináveis perguntas aos médicos e enfermeiras. Todos os dias, quando os pais o visitavam, êle apresentava um relatório médico objetivo das 24 horas precedentes, quase como se êle fôsse o médico e não o paciente.

Uma única vez desmoronou-se sua fachada alegre. Foi no comêço do terceiro mês. "Estou cansado de estar doente", disse êle. "Eu gostaria de me apressar, de acabar com isso." Imediatamente arrependido, porém, acrescentou: "Não se preocupe, mãe. As coisas sempre acabam bem..."

Mas a essa altura os pais compreenderam que as coisas não iam acabar bem. Os médicos simplesmente não sabiam o que estava destruindo o fígado do menino. Ned faleceu às 3:30 da manhã do Dia de Ação de Graças, em 1967. Frustrados, os médicos pediram permissão para realizar uma autópsia, o que foi concedido.

Só um ano e meio após a morte de Ned foi que a família começou novamente a acreditar na vida, e aí chegou uma carta ameaçando outro golpe destruidor. Era de um homem do qual nunca tinham ouvido falar, mas que parecia conhecer muito bem a família: o Dr. I. Herbert Scheinberg, da Escola de Medicina Albert Eins-

tein de Nova York. Escrevia êle que sabia do que Ned tinha morrido e que havia a possibilidade de vir o mal—conhecido como doença de Wilson—a ocorrer em outro filho dos Taylor. Assombrados, os pais leram várias vêzes a longa carta antes de compreendê-la plenamente.

O Dr. Scheinberg e uma equipe de pesquisadores dedicavam-se ao estudo dessa rara doença hereditária. Tecido retirado por ocasião da autópsia de Ned fôra enviado ao Dr. Scheinberg, que agora confirmava ter o menino morrido da doença de Wilson.

As pesquisas revelaram que essa doença, conseqüente do envenenamento pelo cobre, só ocorre em crianças que herdaram um par de genes defeituosos. Tanto o pai como a mãe devem ser portadores do gene raro e, embora não adquiram qualquer doença por isso, os filhos podem contrair a doença de Wilson. As probabilidades de dois adultos assim se casarem são de uma em 40.000, mas acontecera no caso dos Taylor. Não está dito que pais nas condições citadas tenham necessariamente filhos com o defeito, mas era mais do que provável ter um dos filhos sobreviventes dos Taylor herdado um gene imperfeito de cada um dos pais. O Dr. Scheinberg recomendou com insistência um exame de sangue de todos êles, o chamado "teste de ceruloplasmina", que denuncia a presença de um importante indício da doença de Wilson.

Isso foi feito imediatamente, e no

dia seguinte o Dr. Scheinberg informou que cinco das crianças estavam livres da doença, mas havia fortes indícios de que uma delas a tinha: Jacqui. Pediu aos Taylor, desesperados ante a possibilidade de perder mais um filho, que levassem Jacqui para uma série completa de testes. Êstes confirmaram que Jacqui de fato era portadora da doença de Wilson e que estava se acumulando cobre em seu fígado; mas os médicos também puderam determinar que ainda não havia danos irreparáveis. Fôra recentemente criado um método de tratamento. Se Jacqui tomasse quatro cápsulas por dia de um certo medicamento, e mantivesse um regime especial, o excesso de cobre em seu organismo podia ser eliminado, estabelecendo-se o equilíbrio. Seria possível ela ter uma vida normal.

Durante o trajeto de volta para casa, Jacqui dormia enquanto seus pais falavam em voz baixa sôbre sua salvação da morte.

—Foi Ned que a salvou, sabe?— disse Edward.—Se não fôsse a au-

tópsia a doença dela não teria sido diagnosticada em tempo.

Dedi permaneceu algum tempo em silêncio.

—Lembra-se da carta que escrevi a Ned pedindo-lhe que cuidasse de sua irmãzinha?—perguntou depois.

—Lembro-me—disse Edward.

E AQUI termina a história tal como Dedi Taylor a contou a mim. Alguns meses mais tarde, porém, recebi uma carta na qual ela me falava de uma visita que fizera com Jacqui ao túmulo de Ned.

“A tristeza e uma sensação de perda sempre me acompanharão”, escrevia ela. “Mas naquele dia com Jacqui—os raios do Sol brilhando sôbre seus longos cabelos, pernas vigorosas curvadas enquanto ela se concentrava em cavar uma cova para um pé de crisântemos—senti o doce e triste contentamento que vem da aceitação, de ter chegado a um acôrdo com a vida. O sacrifício fôra completado. Ned estava mesmo fazendo bem o seu trabalho.”



O OFICIAL encarregado de um batalhão de engenharia civil da Fôrça Aérea era atormentado por gente de outros batalhões que constantemente pedia material do seu estoque para os projetos dêles. Quando as importunações se tornaram insuportáveis, êle comprou um alvo de dardos e pintou nêle três círculos. No grande, externo, escreveu: “NÃO, VÁ PARA O INFERNO”; no do meio escreveu “TALVEZ”, e no do centro, minúsculo, “SIM”. Quando alguém pedia um pedaço de madeira compensada ou um cano de cobre, o homem limitava-se a sorrir, entregar-lhe três dardos e voltar a seu trabalho.

—D. H.